

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE			CÓDIGO DA FICHA		
			MG	01	01
			17	F11	02
			UF	SÍTIO	LOC.
			ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Quilombos da Serra do Cipó
LOCALIDADE	Comunidade Quilombola do Açude
MUNICÍPIO / UF	Jaboticatubas/Minas Gerais

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



Primeira casa construída após a ação de despejo sofrida pelos herdeiros de Bil e Rita. Açude (Comunidade Quilombola do Açude). Ana Tereza Faria. Julho/2015.



Senzala na Fazenda Cipó Velho. Mais tarde transformada na Escola Padre Candinho. Hoje, em ruínas. Ana Tereza Faria. Julho/2015.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE**Mg****01****01****17****F11****02**

Casa de Dona Helena. Local da Festa “Candombe de Lena”. Colônia (Comunidade Quilombola do Açude). Ana Tereza Faria. Julho/2015..



Casa de Dona Mercês. Açude (Comunidade Quilombola do Açude). Ana Tereza Faria. Julho/2015.



Visão de um trecho da Comunidade Quilombola do Açude. Ana Tereza Faria. Julho/2015.



Área de uso comum dos herdeiros de Bil. Açude (Comunidade Quilombola do Açude). Ana Faria. Julho/2015.

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**.

SÍNTESE

SÍNTESE DAS REFERÊNCIAS CULTURAIS - AÇUDE

CELEBRAÇÕES

Candombe de Lena* (em vigência)

Reza de São José (em vigência)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				Mg	01	01	17	F11	02
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Dia da Santa Cruz – em ruína

Mês de Maria (em vigência)

Candombe de Mercês (em vigência)

FORMAS DE EXPRESSÃO

Candombe* (em vigência)

Boi da manta (em vigência)

Folia de reis (em memória)

Caboclinho (em memória)

Encomendação das Almas (em ruína)

Queima do Judas

Pastorinhas (em memória)

Novena (em ruína)

Pedido de chuva (em memória)

LUGARES

Casa de Dona Mercês (em vigência)

Casa de Lena (em vigência)

Casinha (em vigência)

Fazenda Cipó (em vigência)

OFÍCIOS – SABERES

Ofício de Parteira (em ruína)

Remédio à base de plantas (em vigência)

Fubá (em ruína)

Modo de fazer o melado de cana

Modo de Fazer a Farinha de Mandica / e o polvilho (em ruína)

Doces da Semana Santa (em vigência)

Benzeção (em ruína)

Artesanato em taquara e outros materiais (em ruína)

Troca de dia (em ruína)

Modo de fazer azeite e gordura de coco (em ruína)

Modo de preparar o milho para fazer canjica (em ruína)

Óleo de mamona (em ruína)

Sabão de decoada (em ruína)

Modo de fiar a linha (em ruína)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	MG	01	01	17	F11	02
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

A comunidade quilombola do Açude situa-se na zona rural de Jaboticatubas, região Metropolitana de Belo Horizonte, próxima à rodovia MG-10, nas proximidades do Parque Estadual da Serra do Cipó. Dista em torno de três quilômetros do distrito de Cardeal Mota e dois quilômetros do Rio Cipó. Na comunidade residem aproximadamente 70 famílias, todas morando no entorno do baixo curso do Córrego João Congo, que deságua no Rio Cipó, sendo a maior condensação de pessoas à margem direita do córrego.

A maior parte da comunidade quilombola do Açude vive em terras que foram doadas informalmente por um ex-senhor, a negros que haviam sido escravizados na Fazenda Cipó ou a seus descendentes, após a abolição da escravatura. Para além dessa origem comum, a identidade coletiva da comunidade é fortemente marcada pela vivência do candombe.

O nome “Açude” se deve a dois açudes construídos pelos escravos no Córrego João Congo para gerar energia ao funcionamento de um moinho de fubá, uma fabrica de sabão e uma de azeite na Fazenda Cipó. Sobre o nome do córrego, nenhum dos entrevistados soube fazer referência a João Congo, quem dá nome ao córrego. Dizem apenas que o córrego possui este nome por que nasce em um lugar chamado João Congo.

Parte da comunidade (a margem direita do córrego e as primeiras casas da margem esquerda) recebe água de um poço artesiano construído pela Prefeitura Municipal de Jaboticatubas, em época não identificada. Essa água, entretanto, está imprópria para consumo em função da elevada concentração de sais minerais. A solução seria a instalação de um filtro, um procedimento de alto custo que deveria ser custado pela prefeitura municipal. Outras fontes de água são o Córrego João Congo, poços particulares e a compra de água mineral. Todas as residências são beneficiadas por energia elétrica, instalada no Açude em 1999.

Na segunda metade dos anos 2000, por agência da Associação Comunitária dos Moradores do Açude e Adjacências, inaugurou-se um posto de Saúde na comunidade. Antes da fundação do posto os quilombolas eram atendidos na Vargem Grande ou no Cardoso. Para chegar a Vargem Grande pegavam um ônibus na MG-10 e ainda caminhavam por um trecho montanhoso. Já para o Cardoso não há alternativa de ônibus nem mesmo até uma parte do trajeto e precisavam caminhar entre duas a três horas. O atendimento médico no posto de saúde do Açude acontece uma vez por semana.

A principal ocupação profissional dos quilombolas do açude gira em torno do turismo. Muitos trabalham em pousadas, restaurantes e bares na Serra do Cipó – alguns como contratados e outros como diaristas. Os moradores de Açude se dividem entre seguidores da religião católica e de religiões evangélicas.

A Escola Municipal Padre Candinho situada na Fazenda Cipó Velho (um dos fragmentos da antiga Fazenda Cipó) atende crianças e jovens do Açude - do pré-escolar ao quinto ano do ensino fundamental, no sistema de turmas multiseriadas -, além de alunos das outras povoações do entorno. Foi oficialmente criada no ano de 1965, no âmbito estadual. A escola funcionou em diferentes edifícios, todos na Fazenda Cipó. Um dos locais de funcionamento foi a casa onde morou Padre Candinho (falecido em 1931) e é por este motivo que a escola carrega seu nome. Outro local que abrigou a escola foi a antiga senzala. Desde 1995 a escola funciona em um prédio construído pela prefeitura em uma área doada por herdeiros da Fazenda Cipó. Está localizada em um espaço entre a sede da Fazenda Cipó e a comunidade quilombola.

A Fazenda Cipó foi onde os ancestrais dos quilombolas do Açude foram escravizados. Já fazenda Cipó Velho é uma das fazendas originadas do desmembramento da Fazenda Cipó entre os herdeiros de José Ferreira Santos. A sede da Fazenda Cipó encontra-se na atual Cipó Velho.

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

De município de referência (Jaboticatubas):

A região apresenta diversas altitudes e por isso um clima variável, embora o preponderante seja o Tropical de Altitude, favorecendo o surgimento de matas de galeria – com vegetação de maior porte, ao longo de cursos d'água e fundos de vales; campos rupestres – com gramíneas diversas e tufos, com destaque para Canelas de Ema, Bromélias, Sempre

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	Mg	01	01	17	F11	02
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Vivas, Cactos e orquídeas, vegetação que acontece em terras altas onde a temperatura de inverno chega a 0 grau; e campos cerrados com árvores de pequeno porte e troncos tortuosos, com a presença de espécies típicas mais marcantes como Pau Terra, Quaresmeiras, Ipês, convivendo com a vegetação de campos rupestres. P18

A flora se destaca por espécies endêmicas com florações variadas.

O município abrange entre 65% e 80% do Parque Nacional da Serra do Cipó; além da área protegida pela APA Morro da Pedreira. Destacam-se também, além da Serra do Cipó as Cachoeiras da Serra da Contagem e da Serra do Bené; piscinas naturais do Rio Bom Jardim e do canyon e quedas d'água formadas pelo Rio de São José da Serra.

4.3. MARCOS EDIFICADOS

De município de referência (Jaboticatubas):

Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição: construída em estilo eclético. Pintada de branco acinzentado com detalhes em cinza claro. Possui uma cruz branca no alto de seu telhado em duas águas. Logo abaixo da cruz há um detalhe em alto relevo formando arcos e uma pequena janela para a entrada de luz na igreja. Em sua parte frontal, a igreja possui uma porta em duas folhas com almofadas pintadas em cinza claro e em branco acinzentado. Possui ainda dois balcões entalados em madeira e vidro que se abrem em duas folhas, e entre eles há uma rosácea. A matriz possui duas torres em quatro águas; cada uma delas possui em suas partes laterais e frontais duas pequenas janelas para a entrada de luz nas escadas e uma janela maior em madeira que se abre em duas folhas. Cada torre possui dois alto-falantes. A torre esquerda possui um pequeno relógio. Existem também compoteiras nas laterais da igreja.

Igreja Nossa Senhora do Rosário: A capela foi erguida em 1889. Em 1901 O Pe. Messias, Sacerdote de Paróquia, ampliou a Capela construindo duas torres. Em 1984 a Igreja, já em ruínas, foi reconstruída, mantendo suas características originais.

A Igreja possui duas torres laterais com sinos. No alto de seu telhado central de duas águas há uma cruz. As portas com almofadas abrem-se em duas folhas. Possui duas janelas com vidros que se abrem em guilhotina e duas sacadas entalhadas. A igreja é branca e suas portas e janelas pintadas em um tom azul claro. Possui um altar mor, com imagens de Nossa Senhora do Rosário, São José de Botas, Santa Efigênia, São Benedito, São Geraldo, Santa Cecília e Nossa Senhora da Consolação.

Capela Nossa Senhora das Dores: pequena Capela construída em pau-a-pique, no estilo barroco. Possui telhado em duas águas, com uma pequena cruz em seu alto, uma porta com almofadas em duas folhas. A igreja é amarelada e sua porta e laterais são pintadas de azul escuro com detalhes em azul claro. Atrás da capela está o cemitério Nossa Senhora da Conceição.

Fazenda Cipó Velho: tombada pela municipalidade, possui senzalas e uma capela datada de 1829. O local foi ponto de parada dos tropeiros que iam de Sabará para o Serro. Datação aproximada do século XVIII.

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

5.1. RESUMO

Os moradores do Açude possuem relação de parentesco entre si. São primos, sobrinhos, filhos e netos descendentes dos escravos que trabalharam na Fazenda Cipó. Mariana B. Fonseca descreve o momento da chegada dos escravos na Serra do Cipó:

“A Serra do Cipó foi rota de bandeirantes e iniciou seu povoamento em 1716 com a concessão de sesmarias. Entre 1789-1792, os irmãos portugueses Morais fundam a Fazenda Santa Cruz do Cipó. Em 1823, o Guarda-Mor, José Santos Ferreira compra as terras, agora Fazenda Cipó, ‘farto celeiro que abastecia os vizinhos, tendo sido também fornecedora de azeite para iluminação pública de Ouro Preto e outras vilas.’ Como mão de obra, a fazenda utilizava um plantel médio de 60 escravos.” (FONSECA, M. B. Educação pelos tambores:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE**MG****01****01****17****F11****02**

a transmissão da tradição oral no Candombe do Açude. In: IV Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia, p. 2)

Após a abolição, o fazendeiro escravagista José dos Santos Ferreira doou parcelas de terras a alguns libertos que em troca permaneceram trabalhando para ele. Assim surgiu Açude e várias das comunidades próximas, como Xiru, Berto, Cavinha, Vargem Grande, Capoeira Grande, Paraúna, João Congo, Vacaria, Berto, Zareias e Cardoso. Todos esses lugares foram fundados a partir doações de terras do fazendeiro a casais de negros que foram escravos na Fazenda Cipó ou descendentes desses.

Para compreender a formação do território da Comunidade Quilombola de Açude precisamos resgatar a história de algumas dessas doações e seus desdobramentos ao longo do tempo. A história descrita a seguir se fundamenta principalmente em duas entrevistas realizadas pela equipe do INRC Quilombos do Cipó.

A primeira entrevista foi com “Dona Antônia”, neta de José dos Santos Ferreira, em julho de 2015 e aconteceu na sede da Fazenda Cipó, onde ela reside. A princípio resistimos em buscar a história dos quilombolas junto a uma das herdeiras da Fazenda Cipó. Entretanto, Dona Antônia foi mencionada por vários quilombolas como importante referência para se contar a história do Açude em função de sua memória excepcional somada ao fato de ter nascido no início dos anos 1900. Dona Antônia foi apresentada à pesquisadora por Rivanil Sabino dos Santos (Nil), um dos filhos de Dona Mercês.

A segunda entrevista que fundamenta a história descrita a seguir foi com Eny Aparecida da Apresentação (Juquinha, 53 anos), em novembro de 2016. Os relatos de Juquinha se fundamentam em uma investigação feita por ela na segunda metade do ano de 2016, quando ela reuniu informações de uma conversa com Dona Antônia e também com alguns dos moradores mais velhos do Açude. Sobre seu trabalho de pesquisa em busca da história do Açude Juquinha conta: *“Isso aí fui descobrindo... Você vai conversando com um... Conta um caso... Você chega em uma família eles vão desembaraçando... Aí você vai escrevendo rápido. Porque está acabando. Os mais velho estão morrendo.”* (Juquinha, novembro de 2016)

Como citado acima, o Açude se dispõe ao longo das margens do Córrego João Congo. Os primeiros moradores chegaram ali alguns anos após a abolição formal da escravidão, portanto mais de 100 anos. Na margem direita do córrego (que é o trecho da comunidade mais a montante do córrego) as doações de José Santos Ferreira foram para quatro casais e na seguinte ordem: Henrique e Castorina, Acácio Zeferino e Maria Sabina, Paulo e Orminda e Bil e Rita. Na margem esquerda (que é o trecho mais a jusante do córrego) primeiramente para Tereza, conhecida como Neleza, e depois para o casal Zeca e Jovina. (obs: Jusante e montante são lugares referenciais de um rio pela visão de um observador. A foz de um rio (onde o rio desagua) é o ponto mais a jusante deste rio e a nascente é o seu ponto mais a montante.)

Castorina (esposa de Henrique), Maria Sabina (esposa de Acácio), Orminda (esposa de Paulo) e Rita (esposa de Bil) são irmãs, filhas do casal Sabino e Inês. Sabino e Inês foram os primeiros ocupantes da região conhecida como Vargem. Receberam esta área do fazendeiro logo após a abolição da escravidão.

Henrique foi ao lado da esposa os primeiros moradores do Açude. Dona Antônia conta que Henrique pertence a uma geração de negros que foi escravizada na Fazenda Cipó. Na geração atual, um dos descendentes de Henrique é Erasmo (neto de Henrique), dono Bar Cafofo, um bar que funciona dentro do quilombo.

Paulo era filho do casal Bruno e Petrina. Bruno e Petrina foram os primeiros moradores da Cavinha, onde receberam um pedaço de terra de José Santos Ferreira para permanecerem trabalhando para o fazendeiro após a abolição formal da escravidão. O casal morou onde hoje vive Maria de Sogú (uma das herdeiras da família de José Santos Ferreira). Depois de viúvo, Paulo se mudou com os filhos para o município de Vespasiano.

“Em Vespasiano você encontra muito parentesco nosso. Se você avistar lá um preto que tá até azul. É eles... (...) Esse povo mudou tudo pra Vespasiano. Essa família mora em Vespasiano e mora num lugar, num bairro assim oh, que você sai de uma porta e cai na outra. Você sai na rua e entra no portão. É tipo uma comunidade. Eles compraram um lote, um quarteirão. Tem um quarteirão da rua que é todo só dessa família. Que são esses pretos que eu estou te falando que é só você chegar e olhar, que você vê aqueles preto lumiando lá, são eles. Então, é a família do tio Paulo.” (Juquinha, novembro de 2016)

Acácio Zeferino (que casou com Maria Sabina) era filho do casal Antônio Grande e Regina. Os dois eram funcionários na Fazenda Campinho, onde também moravam. Regina trabalhava na casa da fazenda (de propriedade de Seu Zé e da Dona Sinhá). Antônio Grande trabalhava junto à tropa. Ele era o responsável pela alimentação dos tropeiros: cozinhava e carregava os mantimentos. Primeiramente Acácio trabalhou na Fazenda Campinho. Quando se casou, na década de 1910, foi morar no Açude junto de sua esposa Maria Sabina. Eles são avós maternos de Valdivino e pais de Vilma (Dona Vilma), a filha caçula do casal. Acácio ficou viúvo e casou-se novamente, desta vez com Modestina

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE**MG****01****01****17****F11****02**

Guedes. Desta união nasceu Maria Helena (Dona Lena). Valdivino, Vilma e Lena são mestres candombeiros e alguns dos atuais moradores do Açude.

Os irmãos Bil e Zeca (o mais velho entre os irmãos) eram filhos do casal Serafim e Raimunda. Serafim foi um escravo da Fazenda Cipó Velho que era reconhecido pelos outros escravos como o Rei dos Negros, contam seus descendentes (“Entre os brancos ele era escravo, mas para os negros ele era rei”). Serafim e Raimunda, uma mulher branca, foram também um dos primeiros moradores da Vargem, onde receberam terras doada por José Santos Ferreira. Entre os atuais moradores do Açude, pertencem a esta linhagem: Juquinha (neta de Zeca), uma das lideranças locais, e Dona Mercês (filha de Bil).

Sobre Neleza, a primeira moradora da margem esquerda do Açude, sabe-se apenas que ela foi escrava e parteira. Da linhagem de descendência de Neleza foram citados os “Dugelo”, os “Carlota” e os “Dubem”. Valter (marido de Dona Mercês) e Ramiro (esposo de Dona Lena) são descendentes de Neleza.

Por volta de 1982, um dos herdeiros da família Ferreira Santos tentou retomar parte das terras no Açude e chegou a derrubar algumas casas, desalojando os quilombolas. Essa parcela de terra havia sido destinada ao casal Bil e Rita Sabina. Na época da tentativa de despejo viviam ali duas filhas de Bil e Rita (Dona Mercês e Dona Geralda – já falecida) e suas respectivas famílias, além dos filhos de uma terceira irmã (Lourdes, na época já falecida) e que foram criados por Dona Mercês. Mesmo após a derrubada das casas as irmãs não abandonaram suas terras de herança. Resistiram e por volta de 1994 conseguiram a regularização desta parcela do território quilombola como uso capião. A terra foi registrada coletivamente em nome das três irmãs. Neste espaço vivem hoje aproximadamente doze famílias.

A intenção do descendente de José Santos Ferreira que ordenou a derrubada das casas era também tomar as terras doadas a Acácio Zeferino e sua esposa. Como iniciaram a invasão a partir da área pertencente à Bil e Rita, antes de chegarem com o maquinário nas terras de Acácio, a família conseguiu acionar autoridades públicas e impedir que destruíssem também a casa de Acácio e suas benfeitorias. Entretanto, o conflito foi suficiente para que Acácio, já idoso, não suportasse o desgosto e falecesse.

Desde a época da ocupação do entorno do Córrego João Congo, há mais de um século, existia um caminho que ligava as terras de herança de Bil e Rita às terras dos outros quilombolas, passando por um pequeno trecho da antiga Fazenda Cipó. Esse caminho foi interrompido por volta de 2012 com a construção da casa de Maria Sogú, uma das herdeiras da família Ferreira dos Santos. Atualmente para transitarem de uma área para a outra os quilombolas precisam passar pelo asfalto (MG-10). A casa de Maria Sogú fica aproximadamente onde foi a casa de Paulo, um dos primeiros moradores do Açude e que se mudou com os filhos para Vespasiano.

Hoje no território de Açude existem duas regiões para as quais lhes foram atribuídas os nomes de Colônia e Açudinho, mas que são nomes pouco acionados. Restringem-se à conta de luz, a comprovações de endereço (em geral feitas a partir da conta de luz) ou a quando os moradores desejam acionar alguma diferença entre as regiões que compõem o quilombo. De um modo geral, os moradores dizem que moram no Açude e é também assim que são referenciados pelos moradores do entorno.

Como citado, as terras doadas informalmente por José Ferreira Santos se dispõem ao longo do Córrego João Congo. Considerando o território inicial da comunidade, a Colônia é a área que está mais a montante do córrego (mais distante do Rio Cipó, onde o córrego desagua). Lá foi doada uma área para Neleza e outra para Zeca. No sentido Colônia – Rio Cipó, temos primeiramente as terras doadas para Acácio Zeferino (a mais próxima a Colônia), depois as doadas para Henrique, na sequência as que ficaram com Paulo e por fim as de Bil (o mais próximo do Rio Cipó e da sede da Fazenda Cipó). Essa foi a conformação original. Por diversos processos, algumas áreas não pertencem mais aos quilombolas e outras foram incorporadas a Comunidade do Açude.

O nome Colônia surgiu quando o Estado exigiu a regularização dos imóveis rurais. Nesta época a Fazenda Cipó já estava fracionada e, portanto, a cobrança de impostos deveria ser direcionada para cada um de seus fragmentos. Provocado pela exigência de regularização, um dos proprietários nomeou sua fazenda como Fazenda Colônia. Dentro da área que foi indicada pelo fazendeiro como os limites da Fazenda Colônia moram os quilombolas que ocupam o trecho da comunidade que havia sido doado para Neleza e Zeca e também terras que mais tarde foram doados pelos descendentes de José Santos Ferreira a quilombolas de gerações posteriores às dos primeiros moradores quilombolas.

Quando foi instalada a rede elétrica, em 1999, as correspondências indicavam os endereços distinguindo Colônia e Açude (terras doadas a Acácio, Henrique, Paulo e Bil). O nome Açudinho é mais recente, data de por volta de meados da década de 2000, quando os moradores das terras de herança de Acácio e Henrique (Paulo já havia se mudado com a família para Vespasiano) tentaram delimitar uma diferença entre Açudinho e a área ocupada pelos descendentes de Bil. A área ocupada pelos descendentes de Bil é onde acontece o Candombe de Mercês. Atualmente, as

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE**Mg****01****01****17****F11****02**

correspondências da companhia de energia distinguem Colônia, Açudinho e Açude.

A distinção entre Colônia, Açudinho e Açude além de se tratar de uma referência definida para fins formais (em especial, correspondências da companhia de energia elétrica), também é acionada quando seus moradores (ou ao menos uma parte deles) desejam marcar fronteiras que buscam desvincular “Colônia” e “Açudinho” da progressiva exposição, circulação e espetacularização do Candombe que pesa sobre a região da comunidade onde acontece o Candombe de Mercês.

Entretanto, o uso formal de Colônia, Açudinho e Açude, assim como o acionamento desses nomes para a demarcação de fronteiras com relação ao posicionamento distinto quanto à exposição do Candombe, não é algo que se sobressai ao vínculo firmado nas relações de parentesco originadas com negros que foram escravizados na Fazenda Cipó e na vivência do Candombe. Ou seja, a unidade Açude se sobrepõe, seja interna ou externamente. Com relação ao entorno, se perguntarmos em Cardeal Mota por ‘Juquinha de Colônia’ ou por ‘Vilma de Açudinho’, ninguém saberá indicar porque elas são ‘Juquinha do Açude’ e ‘Vilma do Açude’.

Ao longo do inventário acionaremos os nomes Colônia ou Açudinho apenas em situações específicas (em especial para facilitar a indicação espacial de alguns lugares) e, de modo geral, quando citarmos “Açude” estamos fazendo referência ao coletivo “Comunidade Quilombola do Açude.”

A comunidade foi certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2006. Não existe uma associação quilombola. Seus moradores estão congregados na Associação Comunitária dos Moradores do Açude e Adjacências fundada por volta do início da década de 1990. Por ‘adjacência’ se referem às várias povoações próximas, como João Congo, Cavinha, Campinho, Vargem, Capoeira Grande, Zareias, entre outros lugares. A maior parte desses lugares carrega a mesma origem de Açude. Ou seja, se formaram a partir da doação de pedaços de terras por José Santos Ferreira a casais que permanecessem trabalhando na fazenda. Esses casais são em geral descendentes dos negros escravizados na Fazenda Cipó e uma intrincada rede de parentesco conecta essas povoações.

A Fazenda Cipó Velho também integra a Associação Comunitária dos Moradores do Açude e Adjacências. As primeiras reuniões da associação aconteceram na sede da Fazenda Cipó Velho e depois foram transferidas para a escola. O principal projeto da associação, iniciado nos primeiros anos da associação, é o Posto de Saúde do Açude. O espaço foi doado por Maria Sogú, uma das descendentes da família Santos Ferreira e que foi uma das presidentes da associação. O início da construção da edificação de três cômodos que abrigaria o posto de saúde foi durante a sua gestão. Já o funcionamento do posto começou durante a gestão de Juquinha, presidente da associação na segunda metade dos anos 2000.

Em relação ao processo de despejo sofrido pelos herdeiros de Bil, extraímos alguns depoimentos do livro “Minas dos Quilombos” promovido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação e Cultura (Secad/MEC) no ano de 2010.

“Estou com 34 de idade, na minha faixa de 09 anos, onde hoje está esse bar aqui, isso era a casa da minha mãe com 14 cômodos. Lembro como se fosse hoje, na hora do almoço, a gente saindo pra escola e eles chegando com a polícia e derrubando a casa, jogando as panelas de comida tudo pro chão. Minha mãe estava aqui sozinha na época, minha tia estava viajando e meu pai trabalhando (...) Quando despejaram a gente, ficamos um bom tempo morando debaixo das árvores porque a família era muito grande e não cabia dentro da casa dos outros (...) Foi um confronto muito grande e com muita luta, de ser guerreiro negro mesmo, esse espírito de comunidade, não desistimos e voltamos. Fizemos um rancho aqui, fizemos um rancho para todo mundo até fazer a tomada de novo. (...) Eles diziam que eram os donos do lugar. O policiamento que veio a mando do dono da terra era lá de Jaboticatubas. Foi um ato covarde, porque eles sabiam que naquela hora do dia só ficavam as donas de casa e as crianças no local. O resto estava trabalhando (...)”. (Flavio dos Santos, Cuta)

“Tinha sido doada de boca para meu bisavô e quando ele morreu os herdeiros da Fazenda Cipó quiseram pegar de volta (...) Nós conquistamos pelo uso capião. Ele trabalhou para essa fazenda até os 93 anos, quando morreu. Ele era escravo e com outras pessoas já ocupava essas terras (...)”. (Florisbela)

A seguir alguns trechos de depoimentos dos quilombolas sobre o período da escravidão reproduzidos do artigo “Educação dos Escravos pelos Tambores: o Candombe como educação. Minas Gerais, século XIX” de Mariana Bracks Fonseca.

“Os escravos trabalhavam demais, Nossa Senhora. Trabalhava e apanhava. Minha vó [Raimunda, esposa de Serafim] sempre falava, contava pra nós, que muitas vezes ela tinha que banhar eles com água com sal, porque eles apanhavam tanto. Mas que os escravos num era assim de fazer as coisas... Eles que eram muito

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				MG	01	01	17	F11	02
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

humilhado, coitados. Humilhava eles de mais, eles eram muito preconceituosos, eram muito cruéis com eles. (Dona Mercês)

“Era demais, ué. Os ‘sinhô’ tratava eles assim mesmo, com toda maldade. Minha vó sempre contava que às vezes eles estava comendo, o ‘sinhô’ dava um grito e eles tinham que larga de cumer pra ir lá atender ele(...) Eles era vendido mesmo. Vendia, trocava eles. Trocava eles assim por uma quarta de milho, por uma meia de pinga.” (Dona Mercês).

“Vovô [Serafim] foi rei dos escravos. O último rei. E ele era o único que num podia apanhar. Sinhô nenhum batia nele” (Dona Geralda).

Uma das famílias herdeiras da Fazenda Cipó criou em 2004 um museu que funciona numa antiga senzala do casarão colonial. Na parede do museu está escrito a história da Fazenda Cipó, que fica em uma região hoje conhecida por Cipó Velho. O artigo de Mariana Bracks Fonseca, acima citado, reproduz o texto do museu. A seguir copiamos alguns trechos:

1500: Esta região era habitada por tribos indígenas do ramo Aratu Sapucaí (até o século XVI) e depois pelos Tupi-Guaranis

1619: Inicia-se a exploração das terras brasileiras pelas Entradas e Bandeiras. A Serra do Cipó foi caminho para bandeirantes. Há nas proximidades uma Cruz onde provavelmente um deles tenha sido sepultado.

1716: Início do povoamento da região com a concessão de sesmarias pelo governo português, nas suas proximidades para a Estrada do Serro Frio.

Entre 1789 e 1792: Os irmãos portugueses João e Felicíssimo de Moraes adquirem terrenos às margens do Rio Cipó e fundam a Fazenda de Santa Cruz do Cipó.

1823: O Guarda-mor José dos Santos Ferreira se casa com a filha de Joaquim Costa Vianna, proprietário da Fazenda da Serra (atual São José da Serra) e compra dos irmãos Moraes a fazenda. Devidamente reformada e ampliada, a então Fazenda do Cipó tornou-se um “farto celeiro que abastecia os vizinhos, tendo sido também fornecedora de azeite para iluminação pública de Ouro Preto e outras vilas”.

1829: Construção da capelinha de São José, “benta e inaugurada em 29 de abril de 1829 pelo seu filho Padre José dos Santos Vianna, que naquele dia ali cantou sua Missa Nova.”

1965: Instalação da Escola Estadual Padre Candinho, que funcionava na casa onde residiu Padre Candinho.

1992: Em 14 de janeiro ocorreu a maior enchente já registrada no Rio Cipó. O “Terreirão” se transformou, às 22 horas, em um grande lago. O prédio mais danificado foi a casa de Padre Candinho, onde funcionava a escola.”

5.2. CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
1716	Concessão de sesmarias na Serra do Cipó
Em 1823	O Guarda-Mor, José Santos Ferreira, compra terras na Serra do Cipó, em uma região que passa a ser a Fazenda Cipó.
Após a abolição	O ex-senhor José Santos Ferreira doou parcelas de terras aos negros e estes permaneceram trabalhando para ele. Assim surgiram Açude e Colônia
Por volta de 1982	Um dos herdeiros da família Ferreira dos Santos tentou retomar parte das terras no Açude e expulsar os quilombolas. Essa parcela de terra havia sido destinada ao casal Bil e Rita Sabina. Na época da tentativa de despejo viviam ali três filhas do casal: Dona Lourdes, Dona Geralda e Dona Mercês.
Por volta de 1994	As herdeiras de Bil conseguiram a regularização desta parcela do território quilombola como uso capião.
Início dos anos 2000	Início do processo de espetacularização do candombe.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE

MG

01

01

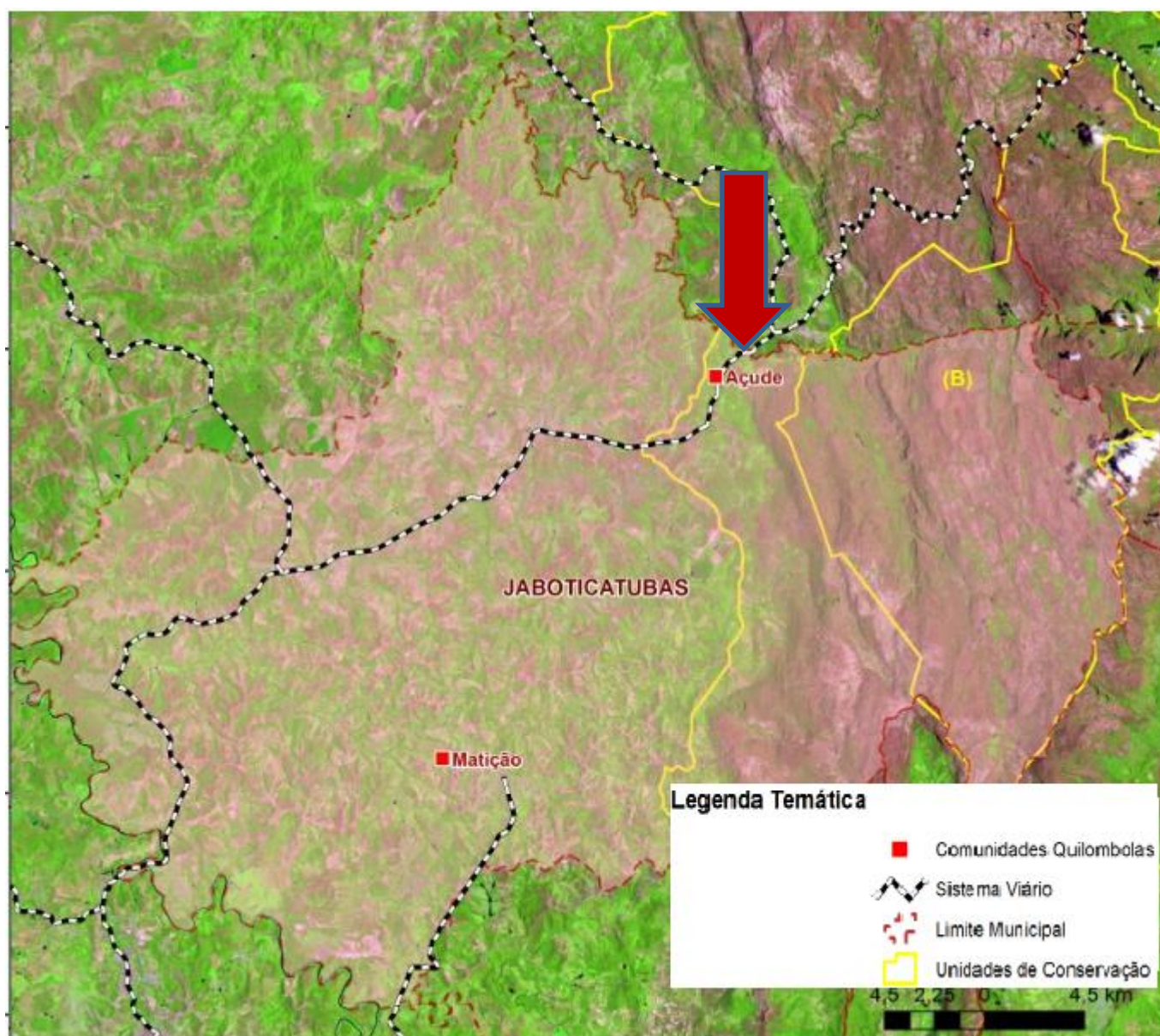
17

F11

02

2006

A comunidade foi certificada pela Fundação Cultural Palmares

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Localização da Comunidade Quilombola Açude no município de Jaboticatubas/MG (no mapa também observa-se a C. Q. Matição). Mapa elaborado por Jaqueline Nascimento.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE**MG****01****01****17****F11****02**

Localização da Comunidade Quilombola do Açude. Imagem capturada do Google Earth.
Data da imagem: 26/06/2014. Acesso em 01/10/2016



Detalhe de Açude e Colônia. Imagem capturada do Google Earth.
Data da imagem: 26/06/2014. Acesso em 01/10/2016

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	Mg	01	01	17	F11	02
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

7. LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO

Em Jaboticatubas, a política de cultura é gerida pela Fundação Municipal de Cultura, Esporte e Turismo Padre Messias (JABOTUR). O município não possui Conselho Municipal de Patrimônio Histórico Cultural, mas possui Conselho Municipal de Cultura instituído pela Lei Nº 1.502 de 1997. Jaboticatubas possui legislação sobre patrimônio cultural: Lei Nº 1.644/2000 e legislação sobre meio ambiente: Lei Nº 1.860/2005.

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

--

8.2. RECOMENDAÇÕES

--

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	Sim
ANEXO 4: CONTATOS	Sim
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	Sim

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR (ES)	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira		
SUPERVISOR	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira		
REDATOR	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira		DATA 04/07/2017
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	CAMPO – Cultura, Meio Ambiente e Patrimônio		